

Libras e ASL representadas pela Escrita das Línguas de Sinais - ELiS

Andréa dos Guimarães de Carvalho
Mariângela Estelita Barros
José Ishac Brandão El Khouri
Leandro Viana Silva

23

Resumo

Após avanços no campo da linguística e da educação, com reconhecimento legal e social, a comunidade surda vem ganhando espaço perante a sociedade. Discussões recentes destacam essas lutas sob a temática de direito linguístico como forma de direito humano, principalmente em relação às comunidades minoritárias como a de surdos. Neste processo, surge uma proposta de sistema de escrita de sinais reconhecida por ELiS, capaz de promover e acrescentar a esta comunidade uma forma de produção e reprodução de escrita própria, condizente com os sinais gerados na língua de sinais. Este artigo tem como objetivo comprovar a eficácia e praticidade desse sistema como escrita das línguas de sinais. Para isso, um grupo de pesquisadores do LALELiS – Laboratório de Leitura e Escrita das Línguas de Sinais embarcam em trabalhos de escrita de sinais em dois projetos distintos: a escrita do *Dicionário DEIT-Libras em ELiS* e outro, de escrita de palavras/frases de um site de ensino de Língua Americana de Sinais (ASL), também em *ELiS*. Após as experiências, pode-se afirmar que, em ambos os projetos, a ELiS mostrou excelente funcionalidade e praticidade como sistema de escrita de sinais tanto da Libras quanto da ASL.

Palavras-chave: ELiS e direito linguístico; Escrita das Línguas de Sinais, Língua de Sinais Brasileira, American Sign Language.

1. Introdução

Nas últimas décadas, temos nos deparado com o aprofundamento de temas que envolvem as línguas de sinais, principalmente após seu reconhecimento como língua. No caso do Brasil, a Lei 10.456/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma língua com estrutura linguística própria, usufruída como forma de comunicação de uma comunidade singular, a comunidade surda. Porém, essa mesma lei, reforça a obrigatoriedade do uso de uma língua escrita majoritária, advinda de uma cultura ouvinte cuja modalidade oral-auditiva ainda se destaca em meio a sociedade local, demarcando, ainda, a existência de um espaço de submissão linguística e

indicando um longo caminho da busca pela comunidade surda por seus direitos linguísticos em sua plenitude, isto é, pela expressividade linguística (seja na produção escrita ou de comunicação interativa) imbricada em seus elementos constituintes como resultantes das características singulares da língua, incluindo a língua de sinais escrita.

Citações da Declaração de Direitos Linguísticos (UNESCO), que têm como ponto de partida as comunidades linguísticas e como principal finalidade garantir o desenvolvimento equitativo para toda a humanidade, partindo de princípios que visam a organização da diversidade linguística baseada no respeito, convivência e benefícios recíprocos para todos, esclarecem a importância e contribuições mútuas entre comunidades linguísticas minoritárias e majoritárias em torno de um tema que evoca uma característica humana própria, isto é, estudos sobre a língua(gem). Daí se configura enxergarmos o direito linguístico como direito humano, como direito e forma de expressividade singular, mas que beneficia mutuamente a toda a sociedade humana, principalmente em termos de conhecimentos linguísticos diversos e complexos, que demarcam comunidades.

Apesar da Lei 10.436 reconhecer “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”, ela não explicita quais recursos de expressão seriam esses. No entanto, sendo a escrita uma das modalidades expressivas de uma língua, entende-se que o uso de sua escrita já está amparado por lei.

Estudos científicos em torno de um sistema de escrita próprio da língua de sinais, capaz de expressar e transmitir mensagens distintas e complexas sem perda das propriedades linguísticas que caracterizam essas línguas como tal, vem avançando e se destacando dentre os campos de pesquisas linguísticas favorecendo e fortalecendo a comunidade surda minoritária, em meio às lutas pela equidade de reconhecimento, enquanto comunidade, participação ativa e como parte integrante de uma sociedade.

As palavras de Stumpf (2015, p.60) contribuem para um melhor entendimento sobre o significado da escrita para o sujeito surdo expondo que

A escrita de sinais está para nós surdos, como uma habilidade que pode nos dar poder de construção e desenvolvimento da nossa cultura. Pode nos permitir escolhas e participação no mundo civilizado do qual somos herdeiros.

Quadros (2003 apud STUMPF 2005, p. 106) também apresenta um argumento plausível sobre a relação dessa escrita no processo de educação dos surdos:

A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo [...].

Capovilla (2001, 2006), Nobre (2011), Silva (2009) e Stumpf (2005) apresentam diversas aplicações da Escrita de Sinais, tais como: aumentar o status social da língua de sinais; melhorar a comunicação; contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos surdos estimulando a criatividade, facilitando a aprendizagem e organizando pensamentos; demonstrar as variações regionais da língua; permitir aprender outras línguas de sinais; ser usada na construção de dicionários e glossários em língua de sinais; ser mais prática do que gravação em vídeos; dentre outras.

Não há, ainda, um sistema de escrita único para as Línguas de Sinais existentes. Várias propostas têm sido criadas buscando maior proximidade e correlação entre o uso habitual dessas línguas em práticas comunicativas de interação social (conversas cotidianas) pelas comunidades que a utilizam, e suas representações gráficas. Tais representações devem considerar o significado linguístico e as características inerentes destas línguas que promovem a condição sequencial-cumulativa e de simultaneidade na produção dos sinais que compõem as línguas de sinais, respeitando não apenas a singularidade e distinção dessas línguas em relação às línguas orais, mas principalmente atendendo à necessidade de uma escrita ser prática e eficaz na forma e função sociolinguística correspondente.

No Brasil, estudos linguísticos desencadearam um Sistema de Escrita de Sinais conhecida como ELiS – Sistema de Escrita das Línguas de Sinais.

Trata-se de um

Sistema de escrita alfabético linear, cujos caracteres, denominados visografemas, foram desenvolvidos especialmente para elas. Os visografemas representam os elementos visuais que compõe as línguas de sinais, a saber, as configurações de dedos, orientações da palma, pontos de articulação, movimentos e expressões não manuais. Esses elementos são organizados em estrutura própria, que segue a dinâmica natural de formação dos sinais, ou seja, sua natureza cumulativa, que resulta em simultaneidade. (BARROS, 2015 p.15)

26

Assim sendo, os chamados visografemas da ELiS representam elementos linguísticos que constituem o sinal e totalizam, até o momento, noventa e cinco (95) símbolos/letras que podem possibilitar a escrita de sinais, hipoteticamente em qualquer língua de sinais.

Barros (2015) divide esses símbolos/letras em quatro grupos: dez (10) visografemas representando configurações de dedos (CD), entre polegar e demais dedos, cuja combinação resulta no formato da mão; seis (6) visografemas representando a orientação da palma (OP); trinta e cinco (35) visografemas representando o ponto de articulação (PA), entre cabeça, tronco, membros e mãos; e quarenta e quatro (44) representando movimentos (M) de braço, dedos e punhos, e movimentos sem as mãos, sendo que estes últimos correspondem a expressões não-manuais. Apenas algumas expressões não-manuais são representadas na ELiS, pois as demais podem ser previsíveis pela sintaxe, pelo contexto da leitura, ou são gestos de cunho não-linguístico.

Segundo a autora, os visografemas foram criados obedecendo sempre ao princípio de economia, pesando ônus e bônus de se tirar ou acrescentar um novo visografema. Tal preocupação retrata uma realidade dos sistemas de escritas em geral, onde a busca pela precisão e pela simplicidade é contínua.

Este artigo descreve um estudo sobre o uso do sistema brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais – ELiS como um sistema de escrita prático e eficaz, capaz de representar as Línguas de Sinais e tem como fonte de dados, dois projetos: o primeiro, baseado no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da*

Língua de Sinais Brasileira - DEIT-Libras, de Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, 3ª edição, publicado em 2013 e o segundo baseado em um site próprio de ensino da Língua de Sinais Americana (ASL), abrigado no endereço eletrônico < <http://www.lifeprint.com/>>.

2. Metodologia

O primeiro projeto, baseado no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - DEIT-Libras, de Fernando César Capovilla e Walkíria Duarte Raphael, teve como foco escrever seus 10.296 verbetes em ELiS.

Para essa escrita, cujo prazo determinado para execução, foi de março a dezembro de 2014, formou-se um grupo composto por doze integrantes, discentes e docentes do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás - UFG e conhecedores práticos da ELiS, sob orientação da professora Dra. Mariângela Estelita Barros, criadora deste sistema de escrita e docente ministrante da disciplina de ELiS nesta universidade. Estes integrantes passaram a constituir os tradutores/escritores do Laboratório de Leitura e Escrita das Línguas de Sinais, conhecido como LALELiS, também criado pela professora Estelita.

Para a realização deste trabalho de escrita do dicionário em ELiS, foi criada uma planilha, modelo de tabela, contendo uma lista de verbetes em português e espaços demarcados para três (3) revisões subsequentes à frente de cada verbete. Um dos integrantes era responsável pela construção e organização sequencial das tabelas, respeitando a ordem das palavras no dicionário, e a professora orientadora fazia a distribuição das tabelas, via e-mail, para todos os componentes, participantes pesquisadores do projeto.

do valor de algum visografema. As modificações consistiram em acréscimo de regras e mesmo de um visografema. Assim, todo o grupo colaborou para o aprimoramento da ELiS nesses momentos.

No segundo projeto, a ELiS ultrapassa as barreiras nacionais e associa-se à língua de sinais americana (ASL) para mais um avanço em sua história: ser o sistema de escrita utilizado em um curso online de ASL, veiculada pelo site de recursos American Sign Language University (ASLU), visualizado por dezenas de milhares de pessoas. O ASLU, visível em www.lifeprint.com, é criação do professor surdo William G. Vicars, conhecido por Bill Vicars, que é doutor em Estudos Surdos e mestre em Educação de Surdos pela Lamar University, Texas, e é atualmente professor associado na California State University.

Este segundo trabalho é baseado nas 15 primeiras lições de ensino de ASL do site, e está sendo realizado com apenas cinco dos componentes do grupo LALELiS, docentes e discentes do curso de Letras-Libras da UFG, ouvintes e surdos. Cada lição é compreendida por um vídeo de aproximadamente trinta e cinco (35) minutos, em que o professor Dr. Bill ministra sua aula de ASL para uma aluna real. As lições apresentam vocabulários novos de aproximadamente vinte (20) palavras e exatamente (20) vinte frases para prática. E além desse vocabulário novo disponibilizado na página de cada lição, no decorrer do vídeo, um número variável de novas palavras é normalmente apresentado.

Na realização deste projeto, os participantes em unanimidade assistiriam às lições de 1 a 15, em uma frequência obrigatória de duas lições por semana.

Segue imagem da tabela utilizada no projeto ASL em ELiS:

Figura 2: tabela utilizada no projeto ASL EM ELiS

LICÃO 13 ASL/ELiS: [REDACTED] Envio: 13/04/2015 (segunda) Revisão 1: [REDACTED] Devolver em: 29/05/2015 (sexta) Revisão 2: [REDACTED] Devolver em: 02/06/2015 (terça) Revisão 3: [REDACTED] Devolver em: 05/06/2015 (sexta)					
1	2	3	4	5	6
English	Português	ASL/ELiS	Revisão 1	Revisão 2	Revisão 3
Almost	Quase	it ^o it ^o □□□□-7	-----		
Article	Artigo	it<7 ^o □□□□-↓ or it<1 ^o □□□□-↓ or it<1 ^o □□□□-↓	----- ----- ----- it<7 ^o □□□□-↓	7	

- 1 e 3 – Professora orientadora responsável pela escrita dessas duas colunas, sendo elas, English e ASL/ELiS.
- 2 e 4 – Cada componente é responsável pela tradução das palavras em inglês para português (2) e pela correção ou produção (4).
- 5 – Um integrante era responsável pela correção das colunas 3 e 4, ou produção.
- 6 – A professora orientadora é responsável pela correção final.
- 7 – Usamos o símbolo de hífen para designar compreensão ou concordância com o sinal anterior.

Neste projeto, a escrita dos sinais da ASL em ELiS, ocorreu da seguinte forma: inicialmente a professora orientadora era responsável pela escrita da coluna English e ASL/ELiS, essas duas colunas eram organizadas antes de serem enviadas, via e-mail, aos demais integrantes da equipe. Após o recebimento da lição, cada componente era responsável por fazer a tradução do inglês para o português, e procedia à etapa de Revisão 1, ou seja, a escrita dos sinais do site. Se concordasse, apenas preenchia a célula da tabela com um traço, se não concordasse com a escrita apresentada anteriormente, escrevia uma forma alternativa.

De forma geral, havendo discordância em qualquer momento das etapas sobre a escrita de algum sinal, o componente livremente poderia apresentar sua versão. Esta etapa foi realizada às terças e sextas e cinco integrantes revezavam-se nessa tarefa, ou seja, cada um fazia a revisão de uma lição a cada 5 lições. Feito o devido registro da revisão na tabela, esta deveria ser enviada a um professor, membro da equipe. Este encarregava-se de fazer as devidas correções na Revisão 2. Posteriormente, ele enviava a lição à professora orientadora para ser feita a revisão final, Revisão 3. Neste projeto, o processo de escrita acontece de forma semelhante ao do primeiro, porém, com línguas diferentes.

Havendo discordância quanto à escrita de algum sinal, o mesmo também era levado à discussão em reunião com os demais participantes do projeto e uma versão final era estabelecida. Após as três revisões, as lições eram reenviadas a cada componente responsável por elas, para que escrevessem em ELiS suas respectivas frases, segundo as lições do site, conforme mostra a imagem a seguir:

Figura 3: tabela utilizada no projeto *ASL EMELiS* para a escrita das frases de cada lição

LESSON 13 - Sentences	
ENGLISH	ASL/ELiS
01. RESEARCH ARTICLE, YOU LIKE READ? (Do you like to read research articles?)	it ^o .\..00000-→' it<7.0000-↓. .l.000 \N00L' .ll.00T?
02. YOUR TV CLOSE-CAPTIONED? (Is your television close-captioned?)	it00L /7.. <3t?
03. YOUR DAD COLLEGE? (Did your dad go to college?)	it00L _l0= T' #it000-↓.. #it000-o?

Além disso, após a *Revisão 3* de cada lição, esta era enviada a um dos integrantes da equipe para a organização de uma lista, em ordem alfabética, com todos os sinais escritos das 15 lições. O intuito era facilitar o acesso às palavras no momento da escrita de novas lições e, evidentemente, evitar a desnecessária repetição de discussão sobre palavras para as quais já havia sido estabelecida uma forma padrão em lições anteriores. Esta lista completa dos sinais utilizados no site servirá como recurso de apoio para promoção de oficina de ASL e estudos posteriores.

3.Resultados, discussões e considerações finais

A tabela com revisões subsequentes, criado para registro inicial seguido de correções e/ou possibilidades distintas de escrita de forma a melhor representar o sinal, possibilitou debates virtuais colaborativos, via WhatsApp e e-mails, levando a consensos comuns até à escrita final melhor elaborada, isto é, mais concisa e clara confirmando a praticidade e eficácia da ELiS, tanto para escrever sinais locais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como para sinais da Língua de Sinais Americana (ASL).

No decorrer das discussões, percebeu-se a construção coletiva e individual de um olhar mais sensibilizado e minucioso (um olhar próprio de pesquisador) em relação à produção do sinal de uma língua de sinais qualquer. A experiência de visualizar um sinal, perceber suas singularidades em torno dos parâmetros envolvidos durante sua produção seguida de sua escrita, desencadeou a melhoria das habilidades envolvidas no processo de escrita tais como: percepção e discriminação visual, memória visual, análise e síntese, processos de codificação (no caso da pesquisa com a ASL) e decodificação (ASL e Libras) e processos metalinguísticos (relação forma gráfica e sua representatividade).

As discussões colaboraram para um melhor entendimento da estrutura linguística das línguas de sinais, numa perspectiva voltada aos parâmetros nelas associados. Também, favoreceram uma melhor compreensão de suas relações e domínio de regras, assim como de suas funcionalidades no aspecto sociocultural pois as línguas, com suas propriedades particulares usadas pelos usuários, possuem suas especificidades enquanto aspecto social e cultural. Possibilitou, ainda, ao grupo de pesquisadores envolvidos, uma espécie de imersão, mesmo que superficial, da língua e da cultura que outrora o grupo não tinha acesso. Isso a partir da ELiS, que nos trouxe a possibilidade e experiência de estabelecer um contato com uma outra língua de sinais que, nessa ocasião, se identifica como a ASL.

O mais interessante foram argumentos comuns retirados das experiências dos participantes, nos quais expuseram que: ao escreverem um sinal, depois de conhecido, tornava-se mais fácil sua simplificação sem deixar de ser compreensível. Outro ponto, também interessante, foram os sinais regionais contidos no dicionário que, no momento das discussões, foram mostrados aleatoriamente ao grupo na tentativa de leitura, ou seja, se a escrita de determinado sinal era ou não compreensiva. Nisso, alguns sinais mesmo desconhecidos eram sinalizados de modo preciso, porém outros, eram difíceis manter uma precisão na leitura do sinal, primeiro por se tratar de sinais que

envolviam variações linguísticas e, segundo, do não conhecimento dessa diversidade de sinais. Daí se observa que as precisões, tanto da escrita quanto da leitura dos sinais, eram mais rápidas quando se conheciam os sinais. Logo, com a prática, mesmo desconhecendo um sinal ou outro, a tendência é a escrita tornar-se mais rápida, simplificada e esquemática, por quem a utiliza e é fluente na língua.

Além disso, a experiência de escrita das línguas de sinais tem evidenciado, na última pesquisa, que a troca de experiências entre usuários da ELiS, mesmo sendo fluentes em língua de sinais distintas, como no caso de ASL e Libras, pode possibilitar a aprendizagem de sinais de outras línguas de sinais o que também justifica, mais uma vez, ser a ELiS uma proposta de escrita capaz de atender variedades das distintas línguas de sinais existentes e de representar, hipoteticamente, qualquer sinal de qualquer uma delas.

Assim, ao analisarmos os resultados retirados das experiências dos projetos de escrita do *Dicionário DEIT-Libras* em ELiS e até o presente momento, no projeto *ASL/ELiS*, podemos afirmar que em ambos há um altíssimo grau de funcionalidade e praticidade da ELiS, e que de fato trata-se de uma escrita totalmente eficiente para o registro dos sinais tanto da Libras quanto da ASL.

4.Referências

BARROS, M. E. *ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARRETO, M.; BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios*. Vol. 1. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; LUZ, R. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. Novo DEIT – Libras Língua de Sinais Brasileira*. 3 ed. Vol. 1: Sinais de A a H e Vol. 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPOVILLA, F. C.; et al. *A escrita visual de sinais SignWriting e seu lugar na educação da criança surda*. In: CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. Vol. II: Sinais de M a Z. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2006, p. 1491-1496.

GESUELI, Z. M. *A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos*. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L de (Orgs.). *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

NOBRE, R.S. *Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em SignWriting*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Florianópolis: UFSC, 2011.

SILVA, F. I. da. *Analizando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SingWriting*. Dissertação de Mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, M. R. *Transcrições de língua de sinais brasileira em Sign Writing*. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P. et al (Orgs.). *Letramento e minorias*. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

_____. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. Tese de doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Trad. Wanda Ramos. Barcelona, Junho de 1996.

VYGOTSKY, L.S. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.